

Uma perspectiva genealógica sobre a problemática: de Jacques Martin a Louis Althusser^{1 2 3}

Jean-Baptiste Vuillerod

A atual importância da noção de problemática nos convida não somente a pensar sobre a sua relevância e o seu conteúdo conceitual, mas também a explorar a sua genealogia nas obras que se referem explicitamente à problemática como conceito filosófico. Assim, costuma-se considerar que a palavra “problemática” aparece pela primeira vez em 1949 em *Le Rationalisme appliqué* de Gaston Bachelard (Bachelard 2004: 51). Até mesmo os estudos estatísticos não conseguem encontrar uma ocorrência desta palavra que seja anterior ao ano 1949 e de sua aparição nas obras de Bachelard e Paul Ricoeur (Benoit 2005). Entretanto, a sua significação conceitual na França remonta a um passado mais distante. Na verdade, a introdução de um manuscrito datado de 1947 e intitulado “*Some remarks on the notion of the individual in Hegel’s philosophy*”⁴ foi inteiramente dedicado ao pensamento da problemática. Atualmente localizado nos arquivos de Louis Althusser, este manuscrito nada mais é do que o *mémoire de maîtrise*⁵ que

¹ Há uma versão em francês e uma versão em inglês do artigo traduzido, ambas escritas por Jean-Baptiste Vuillerod. Desse modo, embora tenhamos notado algumas diferenças nas versões, optamos em seguir a versão em língua inglesa.

² Traduzido por Pedro Felipe Narciso, doutorando em Ciência Política pela Unicamp.

³ Agradeço aos pareceristas pelas avaliações rigorosas, as quais contribuíram decisivamente para qualificar esta tradução. (Nota do tradutor).

⁴ Que traduzido para o português seria: “Algumas observações sobre a noção de indivíduo na filosofia de Hegel” (Nota do tradutor).

⁵ Jacques Martin escreveu, tecnicamente, um *mémoire de maîtrise*, que no texto em língua inglesa de Jean-Baptiste Vuillerod aparece como “*master thesis*”. Optamos por manter o termo original em francês por entendermos que alcançamos, com isso, maior precisão ao caracterizar o texto escrito por Martin. Mudando o que deve ser mudado, é possível estabelecer um paralelo entre um *mémoire de maîtrise* e uma dissertação de mestrado.

Jacques Martin, um aluno quase desconhecido, escreveu sobre Hegel sob a orientação – deve-se notar – de Bachelard.

Sabemos muito pouco sobre Martin, exceto que Althusser lhe deve a noção de problemática. Graças ao trabalho de Yann Moulier Boutang, sabemos que ele nasceu em 18 de maio de 1922 em Paris e ingressou na *École Normale Supérieure* em 1941 (Moulier Boutang 2002: 376-393). Lá ele se tornou um dos amigos mais próximos de Althusser e de Michel Foucault. Martin foi um aluno brilhante, apaixonado pela filosofia alemã e principalmente por Hegel e Marx. Entretanto, ele também sofria de depressão e de outras enfermidades mentais que o levariam à inatividade e, finalmente, ao suicídio. Esta é a razão pela qual, como insistiu Nikki Moore (Moore, 2005), ele é o ‘homem sem obra’ a que Foucault faz referência em *Histoire de la folie*⁶ e em *La folie, l’absence d’oeuvre*⁷ (Foucault 1995; 2006). Seu *mémoire* não foi publicado durante sua vida e Martin apenas traduziu alguns dos trabalhos de Hegel, Wiechert e Hesse (Hegel 1948; Wiechert 1953; Hesse 1955).

O nome de Jacques Martin estava, portanto, aparentemente destinado a cair no esquecimento. Felizmente, Althusser preservou seu *mémoire* e reconheceu sua dívida com ele em *Pour Marx*⁸, mencionando Martin como o verdadeiro inventor do conceito de problemática: ‘Achei possível emprestar para esse fim o conceito de ‘problemática’ de Jacques Martin para designar a unidade particular de uma formação teórica e, portanto, o lugar a ser atribuído a essa diferença específica [...]’ (Althusser 1969: 32). Após o suicídio de Martin em 1963, Althusser

⁶ FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l’âge classique**. Paris: Éditions Gallimard, 1972. A edição brasileira da obra pode ser encontrada como **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

⁷ FOUCAULT, Michel. *La folie, l’absence d’oeuvre*. **La Table Ronde**, n. 196 – Situation de la Psychiatrie, mai 1964, p. 11-21. O texto aparece traduzido no Brasil como “A Loucura, a ausência da obra” na coletânea **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 190-198 (Coleção Ditos e escritos I). (Nota do tradutor).

⁸ Traduzido e publicado mais recentemente no Brasil como: ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**, Campinas: Editora da Unicamp, 2015. (Nota do tradutor).

ficou profundamente chocado e por essa razão dedicou *Pour Marx* a ele, a pessoa que o levou à leitura de Marx: ‘Estas páginas são dedicadas à memória de Jacques Martin, o amigo que, na mais terrível provação, sozinho descobriu o caminho para a filosofia de Marx – e me guiou nele’.

Hoje em dia o texto de Jacques Martin está finalmente publicado (Martin, 2020) e podemos avaliar o real significado de sua reflexão. O desenvolvimento inicial de uma noção de problemática na obra de Martin e sua importância para Althusser, um dos mais famosos e convictos defensores do conceito, questiona a genealogia tradicional da noção, significando que uma nova perspectiva genealógica sobre a problemática deve ser traçada. Nosso objetivo aqui é contribuir para esse debate pela análise do contexto intelectual em que Martin utilizou a palavra como conceito filosófico, pela apresentação do significado de problemática na visão de Martin e, finalmente, pelo confronto entre as compreensões de Althusser e Martin sobre essa noção para, assim, estabelecer as questões filosóficas desta perspectiva genealógica.

Da França à Alemanha

Quando Martin escreveu o seu *mémoire* em 1947, a problemática ainda não havia sido designada como um conceito filosófico na França, não sendo considerada como uma ferramenta poderosa e relevante para análise. Mas a palavra existia no espaço intelectual francês, especialmente na filosofia da ciência. É provável que a palavra tenha sido importada da Alemanha, onde Heidegger fez um uso específico dela, tentando fornecer um conceito rigoroso de problemática ao discutir as obras de Hartmann e Windelband. Assim, Martin apanhou a problemática na encruzilhada dessas diferentes influências e assumiu a responsabilidade de transformá-la em um conceito muito específico, destinado a ter uma notável posteridade na filosofia francesa. Vamos resumir brevemente aqui as etapas que precederam a apropriação da noção por Martin.

Nas aulas que dá entre 1923 e 1924 em Marburg – agora publicadas e intituladas *Einführung in die Phänomenologische Forschung* (Heidegger 1994)⁹ – Heidegger propõe uma reflexão intensa sobre a noção de problema e suas implicações para a história da filosofia. Na seção 10, ele trata, notavelmente, da ‘clarificação de problemas (*Klärung der Probleme*)’ e distingue problemas de questões [perguntas]¹⁰. Uma questão refere-se a um cuidado implícito do *Dasein*: “*Suchen als eine bestimmte Sorge des Daseins*” (Heidegger 1994: 73). Na filosofia de Husserl, discutida por Heidegger, é a questão do conhecimento que é crucial, concebida como um cuidado com a clareza absoluta, uma busca pela clareza (Heidegger 1994: 79). Mas uma questão não é exatamente um problema, no sentido em que um problema é a questão que é explicitamente levantada de maneira explícita (Heidegger 1994: 73). A questão surge como abertura do *Dasein* nos seres e o cuidado que fundamenta tal abertura. Mas o problema é a explicitação desse estado ontológico do *Dasein* como uma atitude necessária em direção aos mundos (Heidegger 1994: 77). Em 1923-24, a palavra “problemática” ainda não aparece, mas Heidegger insiste na importância da *Fragestellung* – o questionamento¹¹ – como parte do processo de tornar a questão explícita.

Em *Einführung in die Phänomenologische Forschung*, Heidegger refere-se à Escola de Marburg, a Wilhelm Windelband e às filosofias de Nicolai Hartmann como reflexões importantes sobre a noção de problema e sua aplicação à história da filosofia. Em *Zur Methode der*

⁹ Na edição brasileira publicada pela editora Vozes em 2011, **Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: Introdução à pesquisa fenomenológica**. (Nota do tradutor).

¹⁰ No original ora traduzido, “problems” e “questions”. (Nota do tradutor).

¹¹ O termo *Fragestellung* é traduzido para o inglês pelo autor como “the question stating”. Em tese de doutorado defendida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp o “*Fragestellung*” é traduzido como “questionamento”, termo que adotamos nesta tradução. RODRIGUES, Fernando. Heidegger e a metafísica do *Dasein* (1927-1930): uma interpretação à luz dos conceitos de liberdade, vínculo e jogo da vida. **Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Unicamp, Campinas, 2014**. (Nota do tradutor).

*Philosophiegeschichte*¹², escrito em 1909, Hartmann tentou compreender a história da filosofia por meio da noção de problema (Hartmann 1958). Segundo ele, os problemas seriam o único caminho para superar a idiossincrasia dos pensadores e restaurar a continuidade na história do pensamento. Os problemas são transmitidos através dos tempos e os pensadores avançam nas suas resoluções. Assim, Hartmann criticou Windelband, que já havia concebido a história da filosofia como uma história de problemas, mas que considerava que esses problemas não eram independentes das condições culturais e de vida dos autores (Windelband 1912). Pelo contrário, na visão de Hartmann, não há ligação entre a história dos problemas e a história dos pensadores. Não importa se às vezes os filósofos não resolvem os problemas ou mudam suas preocupações ou os ignoram, porque os próximos cuidarão deles e se empenharão na tarefa de resolvê-los.

Heidegger indica que essas compreensões da história da filosofia através da noção de problema foram um ‘ponto de partida (*Standpunkt*)’ para sua própria pesquisa (Heidegger 1994: 78), mas que tiveram que ser superadas por uma perspectiva ontológica, avançando para a fonte da questão (*Quellen und Motive des Fragens*): o próprio *Dasein*. Na verdade, para ele, o problema deve revelar a questão que está na raiz de sua existência. Em 1927, com a publicação de *Sein und Zeit*¹³, Heidegger dá um nome conceitual à *Fragestellung*: chamando-a de *Problematik*. O livro abre com o esquecimento da questão sobre o ser como “uma questão temática de uma investigação efetivamente real (*als thematische Frage wirklicher Untersuchung*)” (Heidegger 1977: 3)¹⁴. Nesse contexto, Heidegger usa a palavra problemática para apontar

¹² O título poderia ser traduzido como “Sobre o Método da História da Filosofia”. Não se tem informação sobre edição brasileira da obra. (Nota do tradutor).

¹³ Publicado no Brasil como: HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. (Nota do tradutor).

¹⁴ O autor traduz para o inglês como “a thematised question of a real research”. Utilizamos a tradução da edição da editora Vozes: “uma pergunta temática de uma investigação efetivamente real” (2012, p. 33). (Nota do tradutor).

a renovação da questão do ser e a possibilidade de uma reflexão explícita sobre ela. Ele fala sobre «a possibilidade de uma apreensão suficientemente fundada da problemática ontológica (*die Möglichkeit der Inangriffnahme einer zureichend fundierten ontologischen Problematik*)” (Heidegger 1977: 18)¹⁵. Portanto, a problemática aparece como o novo termo filosófico para o começo da questão.

Embora a importância da noção da problemática em, *Sein und Zeit* seja óbvia, parece que não foi este livro que introduziu a palavra na França, mas outro texto que foi traduzido muito antes e popularizou o pensamento de Heidegger em larga escala (Janicaud 2001: 40): *Vom Wesen des Grund*¹⁶, escrito em 1929 (Heidegger 1976) e publicado na França já em 1938, graças à tradução de Henry Corbin (Heidegger 1968). Neste texto, Heidegger quer trazer à luz o que chama de «a problemática ontológica» (Heidegger 1968: 100), o ‘problema do Ser’, que foi ‘represado’¹⁷ pela tradição, mas, no entanto, sempre esteve presente implicitamente (Heidegger 1968: 156). A tarefa que Heidegger atribui à sua própria filosofia é apresentar uma «problemática explicitamente formulada sobre o conceito de Ser» (Heidegger 1968: 98). Como em Hartmann e Windelband, a problemática está aqui ligada à história da filosofia, entretanto, Heidegger, inversamente, concebe a problemática como a única questão que subjaz a toda a história do pensamento. Tal questão é pensada como diferença ontológica e, segundo Heidegger, é tarefa da filosofia explicitar a diferença ontológica em uma problemática clara.

Esta formulação de um conceito preciso de problemática na Alemanha, particularmente na obra de Heidegger, é importante para

¹⁵ O autor traduz como “the possibility of reaching an ontological founded problematic”. Utilizamos a tradução da edição da editora Vozes: “a possibilidade de uma apreensão suficientemente fundada da problemática ontológica”. (2012, p. 63). (Nota do tradutor).

¹⁶ A edição portuguesa da obra: HEIDEGGER, Martin. **A Essência do Fundamento**. Lisboa: Edições 70, 2007 (Nota do tradutor).

¹⁷ O autor utiliza o termo em inglês “repressed”. (Nota do tradutor).

compreender a discussão em torno do conceito na França durante as décadas de 1930 e 1940. Na verdade, temos motivos para acreditar que o texto *Vom Wesen des Grundes* foi central na discussão entre Jean Cavailles e Albert Lautman na *Société française de philosophie* em fevereiro de 1939¹⁸. Em sua apresentação na conferência, Lautman refere-se duas vezes a Heidegger (Cavaillès 1994: 608, 630) e as noções de problema e problemática estão no centro da discussão. É à luz do conceito dialético que a problemática é compreendida por Lautman e Cavailles. Na verdade, Cavailles chama a «dialética fundamental da matemática» o processo dinâmico de resolução de problemas: «Poderia ser chamada de dialética fundamental da matemática: se as novas noções aparecem conforme são requeridas pelos problemas dados» (Cavaillès 1994: 601). Em uma perspectiva hegeliana, ele entende a problemática dialética como um processo histórico que vai dos problemas às soluções. Por sua vez, Lautman usa o termo «problemática» e afirma que «a dialética em si é pura problemática» (Cavaillès 1994: 607). Segundo ele, a dialética é a ciência dos problemas filosóficos e abstratos que não são matemáticos (por exemplo, o problema da essência e da existência, da matéria e da forma, do finito e do infinito, e assim por diante), e as noções matemáticas são respostas para esses problemas metafísicos. Como Cavailles, Lautman identifica a problemática com a dialética. Mas, como Heidegger, em uma tradição platônica, ele remove a problemática dialética de uma história concreta e considera que elas atravessam toda a história da filosofia como ideias transversais transcendentais. No debate, Jean Hyppolite enfatiza a diferença entre Cavailles e Lautman em sua discussão sobre dialética e toma o lado de um conceito hegeliano de dialética em que os problemas mudam ao mesmo tempo em que a história avança (Cavaillès 1994: 619-620). Mas ambos fazem uso extensivo das noções de problema e introduzem na França o termo de problemática tomado de Heidegger.

¹⁸ NOTA DO AUTOR: A respeito de Lautman, Emmanuel Barot explica que leu *Vom Wesen des Grundes* e que se apropriou das noções deste ensaio (Barot 2009: 138-144).

Quando Jacques Martin desenvolveu sua própria concepção de problemática de modo histórico e hegeliano, ele provavelmente estava ciente dessa discussão e pegou o termo dessa apropriação epistemológica vinda da noção de Heidegger. Podemos agora avançar para o significado muito específico que Martin dá à problemática.

A problemática de Martin

O significado de problemática no texto de Martin e a importância desta noção para ele só pode ser entendida analisando o objetivo particular que ele define para si mesmo em seu *mémoire*: ler Hegel através das lentes de Marx e, mais precisamente, encontrar em Hegel um precursor da crítica marxista do indivíduo burguês. Martin considera explicitamente que os dois autores se iluminam na maneira de pensar a relação entre o indivíduo e sua determinação social e histórica: ‘Dizer que a história é efetiva é considerar - no plano filosófico - que a filosofia de Hegel foi o objeto da reflexão e da crítica de Marx; somente por referência a estas podem apreciar-se as indicações de Hegel sobre o indivíduo (...)’. (Martin 2020: 41).

É nesse contexto que Martin usa a noção de problemática. Se a problemática é requerida pela leitura marxista de Hegel que Martin propõe em 1947, é porque ela deve justificar a razão pela qual ela pode soerguer o problema do indivíduo na filosofia de Hegel mesmo que Hegel não o tivesse tematizado explicitamente e, por conseguinte, não o tivesse abordado de forma direta. De fato, Martin precisa de uma noção que possa indicar a possibilidade de ler a história da filosofia revelando algumas questões implícitas no pensamento de Hegel. Como Martin reconhece, «o problema do indivíduo não foi abordado na filosofia de Hegel» (Martin 2020: 39). Mas essa é precisamente a razão pela qual ele deve pensar em uma nova forma de ler Hegel e, portanto, por que deve “instituir uma problemática em geral, como contribuindo utilmente a fim de situar a importância dos temas”. A instituição da problemática significa a elaboração de uma perspectiva

particular de leitura, à luz de um problema levantado pela história da filosofia, mas que permanece implícito em um texto. A noção de problemática pode, portanto, resolver a controvérsia de encontrar uma questão marxista em uma teoria que veio antes de Marx na história do pensamento.

Através de sua abordagem original e bastante específica, Martin desloca a noção de problemática da perspectiva ontológica de Heidegger e do debate epistemológico entre Lautman e Cavallès para o campo do pensamento político marxista. Ao fazer isso, ele transforma profundamente o significado do conceito. A problemática, tal como desenvolvida por Heidegger, mas também por Lautman, envolvia exatamente a maneira de pôr uma questão aos pensadores, mesmo se esta questão não tivesse sido explicitamente levantada em sua filosofia. Mas Martin não considera que uma questão ontológica possa ser o único corte transversal de toda a história da filosofia, e ele não pensa que alguns problemas eternos e ideais estão presentes em problemas matemáticos particulares. Pelo contrário, como Cavallès, ele pensa que os problemas são totalmente históricos e que só a história pode explicar a problemática implícita de um pensador. Segundo ele, uma problemática não transcende a história e é a própria história que cria novas problemáticas quando nos permite ler os autores do passado à luz de alguns autores mais recentes - neste caso Hegel à luz de Marx.

No entanto, o objetivo de Martin não deve ser entendido como a vontade de um ideólogo conspirando para incorporar Hegel em seus empreendimentos políticos e estratégicos. Martin nem mesmo se filia ao Partido Comunista Francês, embora compartilhasse muitas de suas opiniões (Moulier Boutang 2002). Se ele volta a Hegel a partir de Marx, é porque ele pensa que os conceitos hegelianos podem nos ajudar a entender melhor a própria filosofia de Marx. Como muitos marxistas da época, Martin pensava que Marx tinha desenvolvido uma preciosa ciência da história e das condições econômicas do mundo capitalista, mas que não tinha exposto explicitamente a filosofia que sustentava suas explicações, dificultando a atualização do pensamento

marxista no novo contexto capitalista após a Segunda Guerra Mundial. É, portanto, uma tarefa urgente explicar a filosofia de Marx à luz de Hegel. Essa ideia é notadamente reivindicada por Althusser no *mémoire* que ele escreve no mesmo ano, em 1947: “Hegel é o rigor silencioso de Marx, a verdade viva de um corpo de pensamento pressionado pelas circunstâncias para se apreender na autoconsciência, mas que se trai no menor de seus movimentos” (Althusser 2014: 142). Martin parece ter a mesma opinião de seu amigo. Ambos pensam que Hegel pode fornecer a filosofia exigida pelo marxismo. Podemos notar que tal projeto, mesmo após a morte de Martin, será o objetivo da vida de Althusser até suas últimas reflexões (Althusser 1994).

Em termos de conteúdo, a problemática permite a Martin inscrever o indivíduo em suas condições sociais e históricas e, assim, criticar o solipsismo da concepção burguesa do indivíduo. Ela conecta Hegel à crítica de Marx do indivíduo burguês e, assim, o faz aparecer como uma transição crítica entre o pensamento individualista do século XVIII e sua crítica pelo marxismo: “As proposições de Hegel nada são se separadas da concepção individualista da pessoa em Rousseau ou Kant – e elas não são resolvidas por aqueles que não as leem através das afirmações de Marx, que tornam possível o significado do hegelianismo que simultaneamente torna Marx possível” (Martin 2020: 44). Assim, para Martin, a problemática é uma maneira de mergulhar Hegel na história do pensamento e de lê-lo como o primeiro filósofo crítico do indivíduo burguês.

Como Marx, e Hegel antes dele, teriam objetado à ideia de autossuficiência do sujeito, ele integrou o indivíduo na sociedade e na história e estabeleceu todas as mediações que contribuem para criar a personalidade e a subjetividade. De acordo com Martin, Hegel tinha “uma intuição sobre o indivíduo como integrado em uma realidade da qual ele não pode ser separado (*une intuition de l’individu comme intégré dans une réalité dont il n’est pas separable*)” (Martin 2020: 70). Hegel escreveu sobre todas as mediações históricas e sociais que determinam o indivíduo em um determinado momento:

“Hegel sempre concebeu o concreto na forma de totalidade: não uma totalidade de qualidades ou dons, cuja realização poderia ser suficiente para definir a individualidade, mas a totalidade das relações entre o indivíduo e o mundo que o define e o constitui, e inversamente aquelas que o indivíduo contribui para constituir e definir” (Martin 2020: 87).

Hegel foi o primeiro a propor tal concepção de uma subjetividade mediada aberta para o mundo e definida essencialmente por suas relações e não por si mesmo. É exatamente por isso que sua filosofia é importante para o marxismo. Pensar as mediações como constitutivas da subjetividade oferece uma articulação clara entre indivíduos e coletividade que elimina a abordagem solipsista e individualista do homem que caracteriza o ponto de vista burguês.

Nessa visão, e no horizonte de uma comparação entre as problemáticas de Martin e de Althusser, poderíamos resumir a compreensão que Martin teve da problemática em três pontos: a problemática é uma questão, é essencialmente diacrônica e é um modo de ler Hegel e Marx juntos.

1. Na opinião de Martin, uma problemática é um problema específico, uma questão particular, uma temática. Martin fala do ‘tema do indivíduo (*le thème de l’individu*)’ (Martin 2020: 43) e de ‘um tema que se apresenta como um problema (un thème qui se propose comme un problème)’ (Martin 2020: 44). Não é uma estrutura global de pensamento ou uma maneira de levantar problemas particulares, mas um único problema particular. Martin vislumbra com expectativa a crítica de Hegel ao individualismo na Idade do Iluminismo e considera a problemática como a designação de uma questão bastante singular.

2. A problemática de Martin está essencialmente ligada à história e é consequentemente entendida de um ponto de vista diacrônico. É um modo de escapar da subjetividade de um pensador e das questões explícitas que são levantadas por um filósofo para reintegrar um sistema filosófico em todo o processo da história do pensamento. Esta é a razão pela qual, de acordo com Martin, a problemática realiza uma “desapropriação pela história (dépossession par l’histoire)” (Martin 2020: 45). Desse modo, Hegel é desprovido de sua própria obra intencional e questionado com uma problemática que pertence a posterior história do marxismo.

3. O objetivo de Martin é promover uma leitura de Hegel compatível com Marx. Seu objetivo é ler Hegel e Marx juntos, graças à problemática comum da crítica ao indivíduo burguês. De certa forma, é a ideia de que Marx não desenvolveu completamente sua filosofia e que o marxismo precisa de uma teoria filosófica que atenda às suas aspirações práticas.

É somente tendo em mente esses elementos que entenderemos as diferenças que Althusser introduz na noção de problemática nos anos 1960. Apesar dessas diferenças, Althusser reconhece sua dívida para com o amigo Jacques Martin, que realizou a ação decisiva de deslocar a problemática da filosofia de Heidegger e dos debates epistemológicos franceses entre Lautman e Cavailles para o espaço do pensamento marxista, e assim deu impulso a uma nova teoria marxista que poderia ser melhorada graças ao uso dessa noção; que doravante fora verdadeiramente refletida e trabalhada como um conceito legítimo.

De Martin a Althusser

Meu objetivo aqui é analisar como Althusser herda a noção de problemática de seu amigo Jacques Martin e como ao fazer isso ele, ao mesmo tempo, transforma a noção de uma maneira decisiva. É apenas

esse duplo movimento de herança e transformação que pode explicar como Althusser é capaz de reconhecer sua dívida com o amigo ao criar um dos conceitos mais representativos e poderosos da filosofia francesa durante os anos 1960.

Em *Pour Marx*, Althusser usa a noção de problemática para refletir sobre a «ruptura epistemológica (coupure épistémologique)» (Althusser 1969: 32) que se deu entre Marx e os filósofos que vieram antes dele, especialmente Hegel e Feuerbach (Gillot 2009: 31). Contra a dialética teleológica de Hegel, centrada na unidade do espírito e no fim da história, Marx opôs uma dialética complexa que poderia conter a ‘sobredeterminação’ (Althusser 1969: 87) de ocorrência singular pela diversidade dos elementos que compõe a sociedade, entendida como um ‘todo complexo e estruturado’ (Althusser 1969: 193). E contra o humanismo de Feuerbach, que se referia a uma natureza humana a-histórica, Marx descartou o conceito não científico e ideológico de Homem e o substituiu por uma perspectiva científica da sociedade e de sua história, baseada em estruturas sociais em que os homens se limitavam a ocupar funções (Althusser 1969: 219-241). A data da ruptura teria sido 1845, quando Marx escreveu com Engels “A Ideologia Alemã” e, assim, alcançou uma verdadeira ciência da história. As intenções de Althusser eram perfeitamente claras: através de Hegel, ele mirou na dialética stalinista simplista e rígida, e através de Feuerbach, ele queria criticar o marxismo humanista na França e na União Soviética que se seguiu à morte de Stalin. A ruptura epistemológica de Marx foi também a ruptura de Althusser com o marxismo ideológico de seu tempo¹⁹.

O objetivo de Althusser é fornecer uma explicação adequada da organização social e do processo revolucionário. Para tanto, ele deve levar em conta as causalidades extraeconômicas que o marxismo tradicional não considerou, pois limitou as contradições sociais

¹⁹ NOTA DO AUTOR: Sobre o contexto do pensamento de Althusser, ver Elliott 1987 e Lewis 2005.

aos conflitos entre as forças produtivas e as relações de produção, e assim restringiu a revolução a uma transformação de base econômica. Althusser avalia que tal programa é claramente insatisfatório e precisa ser completado pela importância dos fatores políticos, jurídicos e ideológicos da revolução. Em particular, a Revolução Cultural chinesa e as críticas de Mao ao estalinismo provaram que uma sociedade pode mudar em sua base econômica e, apesar dessa transformação, permanecer a mesma do ponto de vista de sua dominação política e ideológica.

A causalidade complexa que Althusser propôs ao ler Marx em uma nova perspectiva se dedica justamente a pensar esses fenômenos plurais. Mas ele estava convencido de que esse propósito não pode ser alcançado se continuarmos a ler Marx à luz do legado hegeliano. A filosofia de Hegel desenvolveu um conceito simples, ou mesmo simplista de causalidade, em que cada sociedade é estruturada por uma contradição fundamental e por um único princípio – por exemplo, o princípio jurídico na Roma Antiga. Nesse ponto, Feuerbach não se diferenciou de Hegel, ao considerar cada época social e toda a história da humanidade como constituídos pela autoalienação do homem. Em cada caso, é o desejo filosófico de um primeiro e único princípio que está em jogo. É exatamente essa simplicidade hegeliana, estendida por Feuerbach, que se encontra no marxismo tradicional, que se concentra apenas na contradição econômica e ignora outras contradições sociais. É por isso que Althusser decide insistir na ruptura epistemológica entre Marx e seus predecessores e é quando lê o texto de Martin que ele encontra um conceito que pode ajudá-lo a expressar essa mudança teórica e histórica.

A problemática é, portanto, requerida para pensar essa ruptura epistemológica do marxismo. Althusser fornece alguns elementos de definição dispersos que caracterizam isto. Segundo ele, a problemática é «a unidade constitutiva de pensamentos efetivos” (Althusser 1969: 66) de um autor; “A estrutura sistemática típica unificando todos os elementos do pensamento” (Althusser 1969: 67); a maneira pela qual

uma filosofia ou ideologia reflete seus objetos, “a maneira como ela reflete aquele objeto (e não no próprio objeto em si)” (Althusser 1969: 66); “O sistema de perguntas comandando as respostas dadas pela ideologia” (Althusser 1969: 67); mais geralmente as “pressuposições teóricas» (Althusser 1969: 68) de pensamento; e um elemento inconsciente de pensamento supondo que “um filósofo *pensa nisso, ao invés de pensar sobre isso*” (Althusser 1969: 69)²⁰. Podemos, portanto, dizer que Althusser considera a problemática como uma forma de questionar e refletir objetos que fornecem unidade ao pensamento e da qual o filósofo nunca é absolutamente consciente.

Consequentemente, a problemática descreve o modo de organização de um sistema de pensamento, a maneira de pensar que ela envolve e as maneiras particulares de levantar e resolver questões particulares. Na teoria de Marx, segundo Althusser, isso significa que as questões nunca se levantam pressupondo uma causalidade simplista, mesmo que essa causalidade sejam contradições econômicas e não o princípio espiritual de uma sociedade (Hegel) ou a alienação da humanidade (Feuerbach). As resoluções que ele propõe também não são orientadas por um único fenômeno. Marx sempre leva em consideração os diversos fatores que constituem cada sociedade e destaca a multiplicidade de causas – a sobredeterminação – que estão em jogo no movimento revolucionário. Sua maneira de formular problemas não é a maneira hegeliana de pensar e, nesse sentido, podemos dizer que ele pensa em uma problemática diferente.

Com base nisso, podemos compreender a diferença que surgiu no conceito de problemática entre Jacques Martin e Louis Althusser. A perspectiva polêmica de Althusser contra as filosofias de Hegel e Feuerbach leva-o a transformar a noção. Para ele, é necessário que a problemática seja entendida como um modo de separar todo o pensamento maduro de Marx de outras filosofias. Daí decorrem as diferenças com Martin e o fato de Althusser considerar a problemática

²⁰ “a philosopher thinks in it rather than thinking of it”. (Nota do tradutor).

não como uma única questão levantada de um ponto de vista diacrônico para reconciliar Hegel e Marx, mas como uma estrutura de pensamento sistemática e sincrônica absolutamente original e revolucionária, sem qualquer vínculo com qualquer filosofia anterior.

1. No discurso de Althusser, a problemática não diz respeito a uma questão temática ou única, mas a toda uma organização de pensamento a partir da qual as questões particulares podem ser levantadas. Althusser lida com “a problemática ativa, mas não declarada, que fixa para isso o significado e o movimento de seus problemas e, portanto, de suas soluções” (Althusser 1969: 69). Isso significa que os elementos singulares do pensamento devem ser considerados a partir da problemática e não o contrário: “Portanto, quem ainda quiser colocar o problema dos elementos nesta perspectiva deve reconhecer que tudo depende de uma questão que deve ter prioridade sobre eles: a questão da natureza da problemática que é o ponto de partida para realmente pensá-los em um determinado texto.” (Althusser 1969: 68) Ou, como ele também escreve: “Toda ideologia deve ser considerada como um todo real, internamente unificado por sua própria problemática, de modo que é impossível extrair um elemento sem alterar seu significado.” (Althusser 1969: 62). Assim, a problemática não é um problema, mas uma perspectiva ou um modo de levantar problemas. Não é uma questão particular – a questão do indivíduo de Martin – mas um princípio de coerência entre todas as questões que uma filosofia pode fazer. A problemática de Feuerbach, por exemplo, era a antropologia, uma forma de perguntar a partir do pressuposto da natureza humana e do ponto de vista das relações humanas. Ao contrário, Marx descobriu uma problemática em que as estruturas sociais e as relações estruturais, e não os homens, estavam no centro.

2. Sendo uma estrutura de pensamento e não uma questão particular, a problemática é posta por Althusser a partir de uma figura espacial e não de uma perspectiva temporal. Portanto, não é entendida como diacrônica, como era em Martin, mas como sincrônica. Segundo Althusser, a problemática é um “campo” (Althusser 1969: 66) e não se constitui pela sucessão de pensamentos na história, mas pela combinação de diferentes elementos inerentes a uma filosofia. Partindo desse princípio, ler Hegel à luz do pensamento individualista do século XVIII ou de Marx não é relevante; muito mais é buscar na obra de Marx o momento – depois de 1845 – quando seu pensamento encontrou uma nova forma sistemática de levantar problemas e, portanto, tornou-se absolutamente original.

3. A consequência é que Althusser não quer ler Hegel e Marx juntos, mas, pelo contrário, se esforça para distinguir Marx de todas as filosofias que o precederam, especialmente da dialética de Hegel e do humanismo de Feuerbach. Ele procura o que é chamado de, em uma linguagem aristotélica, a ‘diferença específica’ que separa Marx dos outros, e então define a problemática como “a unidade particular de uma formação teórica e, portanto, o lugar a ser atribuído a essa diferença específica” (Althusser 1969: 32). O objetivo não pode ser, como em Martin, reconciliar Marx e seus predecessores, mas inscrever a própria originalidade de Marx na história da filosofia: “A crítica verdadeiramente marxista de Hegel depende precisamente dessa mudança dos elementos, isto é, o abandono da problemática filosófica na qual Feuerbach permaneceu como um recalcitrante prisioneiro” (Althusser 1969: 48).

Conclusão

Quando Bachelard usou a palavra “problemática” em *Le rationalisme appliqué*, ele pode tê-la emprestado do debate epistemológico entre Cavailles e Lautman, mas também poderia tê-la encontrado no trabalho de seu jovem aluno Jacques Martin, cujo *mémoire de maîtrise* ele orientou. De todo modo, o papel de Martin no desenvolvimento da filosofia francesa após a Segunda Guerra Mundial deve certamente ser revalorizado. Sua importância no pensamento da problemática é suficiente para reconsiderar seu nome na grande tradição de Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard e outros. Entretanto, seu pensamento sobre as mediações sociais não está desvinculado da ideia de um transcendental histórico tematizado no final do trabalho de Althusser em 1947 – «Marx entendeu que transcendental era história» (Althusser 2014: 170) – e que é exposto por si mesmo em ‘*La constitution d’un transcendental dans la Phénoménologie de l’esprit de Hegel*’²¹ de Michel Foucault, o seu *mémoire* escrito em 1949. Também pode-se notar que Martin já menciona o conceito psicanalítico de ‘sobredeterminação (surdétermination)’ (Martin 1947: 31)²² para explicar a causalidade complexa que resulta da interferência das mediações sociais. E como dissemos antes, a ‘ausência da obra’ de Foucault é uma referência à loucura de Martin.

Meu objetivo aqui não é afirmar que toda a filosofia francesa da década de 1960 estava contida na primeira obra de Martin. Gostaria apenas de esboçar a possibilidade de considerá-lo como um dos momentos essenciais de seu desenvolvimento nas décadas de 1940 a 1960 e mesmo depois. A transformação da noção de problemática

²¹ NOTA DO AUTOR: Manuscrito ainda não publicado.

²² NOTA DO AUTOR: “Mas essa reciprocidade implica uma dialética – pode-se dizer provisoriamente uma sobredeterminação de significações – que Hegel tem o mérito de revelar e, inversamente, de integrar na totalidade [...]” (Martin 1947: 31). Martin fala também de uma “sobredeterminação de significações” para qualificar 2020: 55 o pensamento de Hegel do universal 2020: 76 (Martin 1947: 74).

por Althusser é notável neste ponto, porque ele usa a obra de Martin, mas a transforma em outra coisa e em um contexto de pensamento diferente. Martin desenvolveu algumas intuições decisivas e alguns conceitos importantes que não foram desenvolvidos posteriormente em sua forma original, mas que foram modificados para servir a um objetivo diferente e para expressar significados diferentes. Ele é um dos elos dessa corrente filosófica que vem até nós e provavelmente não refletiríamos hoje sobre a problemática sem a sua contribuição.

Referências

- Althusser, Louis (1969): *For Marx*, London: The Penguin Press.
- Althusser, Louis (1994): *Sur la philosophie*, Paris: Gallimard.
- Althusser, Louis (2014): *The Spectre of Hegel: Early Writings*, London/New York: Verso.
- Bachelard, Gaston (1949): *Le rationalisme appliqué*, Paris: PUF.
- Barot, Emmanuel (2009): *Lautman*, Paris: Les Belles Lettres. <https://doi.org/10.14375/NP.9782251760636>
- Benoit, Jean-Pierre (2005): 'L'émergence des "mots de la problématisation" dans les sources universitaires et les dictionnaires spécialisés et généraux: constats et analyses.' In: *Les Sciences de l'éducation – Pour l'Ère nouvelle* 38/3.
- Cavaillès, Jean (1994): *Oeuvres complètes de philosophie des sciences*, Paris: Hermann.
- Elliott, Gregory (1987): *Althusser: The Detour of Theory*, London/New York: Verso.
- Foucault, Michel (1995): 'Madness, the Absence of Work.' In: *Critical Inquiry* 21/2, pp. 290-298. <https://doi.org/10.1086/448753>

- Foucault, Michel (2006): *History of Madness*, London: Routledge.
- Foucault, Michel (1995): 'Madness, the Absence of Work.' In: *Critical Inquiry* 21/2, pp. 290-298. <https://doi.org/10.1086/448753>
- Gillot, Pascale (2009): *Althusser et la psychanalyse*, Paris: PUF. <https://doi.org/10.3917/puf.gillo.2009.01>
- Hartmann, Nicolai (1958 [1909]): 'Zur Methode der Philosophiegeschichte.' In: *Kleinere Schriften, Band III: Vom Neukantianismus zur Ontologie*, Berlin: De Gruyter, pp. 1-22.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1948): *L'esprit du christianisme et son destin*, translated by J. Martin, Paris: Vrin.
- Heidegger, Martin (1968 [1938]): 'Ce qui fait l'être-essentiel d'un fondement ou raison.' In: *Qu'est-ce que la métaphysique?* Paris: Gallimard.
- Heidegger, Martin (1976 [1929]): *Vom Wesen des Grundes*. In: *Gesamtausgabe: Band 9*, Frankfurt/Main: Vittorio Klostermann, pp. 123-175.
- Heidegger, Martin (1977 [1927]): *Sein und Zeit*. In: *Gesammelte Ausgabe: Band 2*, Frankfurt/Main: Vittorio Klostermann.
- Heidegger, Martin (1994 [1923-1924]): *Einführung in die Phänomenologische Forschung*. In: *Gesamtausgabe: Band 17*, Frankfurt/Main: Vittorio Klostermann.
- Hesse, Hermann (1955): *Le jeu des perles de verres*, translated by J. Martin, Paris: Calmann-Lévy.
- Janicaud, Dominique (2001): *Heidegger en France*, Vol. I, Paris: Hachette.
- Lewis, William S. (2005): *Louis Althusser and the Traditions of French Marxism*, Oxford, Lexington Books.

- Martin, Jacques (2020): *L'individu chez Hegel*, ed. by Jean-Baptiste Vuillerod, Lyon, ENS éditions. <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.14784>
- Moore, Nikki (2005): 'The Man without Work: Jacques Martin.' In: *Thresholds* 30, pp. 8-14. https://doi.org/10.1162/thld_a_00279
- Moulier Boutang, Yann (2002): *Louis Althusser, une biographie*, Vol. II, Paris: Librairie Générale Française.
- Wiechert, Ernst (1953): *Missa Sine Nomine*, translated by J. Martin, Paris: Calmann Lévy.
- Windelband, Wilhelm (1912 [1892]): 'Einleitung.' In: *Lehrbuch der Geschichte der Philosophie*, Tübingen: Mohr Siebeck.